

As dores no discurso epistolar dos romeiros do Padre Cícero

Maria das Graças de Oliveira Costa Ribeiro (IFCE)

Luiz Assunção (UFRN)

RESUMO

Este estudo ocupa-se em analisar as cartas que os devotos enviam para o patriarca religioso, padre Cícero, verificando como se constitui a relação das trocas linguísticas entre os romeiros e o padre Cícero através da emissão de cartas. Os nossos propósitos residiram em entender as causas que levam à produção das cartas pelos devotos, detendo-nos nas súplicas de intercessão ao padre Cícero. Assim é que, à busca pela proteção e por resposta para seus problemas existenciais e religiosos, esses romeiros percorrem estradas, num verdadeiro desafio para encontrar alento junto ao seu referencial divino, ou seja, a própria figura do padre em questão. Daí, as inúmeras manifestações de fé que vão desde promessas a incansáveis viagens em paus-de-arara ou ônibus, trazendo consigo o reconhecimento do milagre recebido através dos ex-votos, até, por fim, a escritura e entrega de cartas dirigidas ao *padrinho*, numa comprovação da consciência existencial do sacerdote por parte daqueles escreventes e emissários.

Palavras-chave: Cartas; Devotos; Padre Cícero;

ABSTRACT:

This study is concerned to examine the letters that devotees send to the religious patriarch, Father Cicero, checking as is the relationship of language exchanges between the pilgrims and Father Cicero by issuing cards. Our purposes resided in understanding the causes that lead to the production of the letters by the devotees, stopping us in intercessory prayers to Father Cicero. So it is that the quest for protection and response to their existential and religious issues, these pilgrims traverse roads, a real challenge to find encouragement from your divine reference, that is, the very figure of the priest in question. Hence, the numerous expressions of faith ranging from promises the tireless travels sticks-de-macaw or bus, bringing with it the recognition of

the miracle received through the ex-votos, until finally the writing and delivery of letters to the godfather, a proof of existential awareness of the priest by those clerks and messengers.

Keywords: Letters; devotees; Father Cicero;

1. AS DORES NO DISCURSO EPISTOLAR DOS ROMEIROS

"[...] Ao escolher palavras com que narrar minha angústia, eu já respiro melhor.
A uns, Deus os quer doentes, a outros quer **escrevendo**".

(Ex-voto, Adélia Prado)

Quem conhece a cidade do Juazeiro do Norte-CE sabe muito bem que não se pode dissociar aquele município de sua efervescente religiosidade. Desde a chegada do padre Cícero por volta de 1872, culminando com o tão divulgado “milagre da hóstia” até os nossos dias, Juazeiro passou a ser chamada a “Meca do sertão” por atrair romeiros provindos de todos os estados do Brasil na mais concreta manifestação de fé.

Nesse sentido, das diversas formas de se traduzir a devoção ao padre Cícero, a escrita das cartas foi a que mais nos intrigou; primeiro pela continuidade dessa ação, segundo, pela forma transgressiva, escolhida pelos afilhados do padre Cícero em encontrarem uma forma de ultrapassar os limites entre céu e terra, através do envio de cartas que todos os dias, e mais intensamente em tempo de romarias, são depositadas no cofre, exposto no Museu do Padre Cícero, localizado na Colina do Horto em Juazeiro do Norte-CE, ou, por vezes no seu túmulo, na Igreja do Socorro da mesma cidade.

Foi o verificar do teor de algumas dessas missivas que nos levou a investigar o referido fenômeno, com uma pretensão de contribuir, no sentido de apresentar outro olhar para aquela prática comunicativa, vista por muitos como mais uma comum ferramenta, desconsiderando a riqueza e o valor antropológico que dali emana.

Surgiu, por conseguinte, a nossa primeira inquietação, seria que tipo de olhar deveríamos ter diante desse manancial de dados, uma vez que essas cartas suscitam uma pluralidade investigativa nas mais diferentes formas de expressão devocional e da relação estabelecida entre o romeiro e o padre. A primeira evidência é que todas as cartas revelam verdadeiras histórias de vida, de intimidades que talvez aqueles emitentes jamais contassem em outra

forma comunicativa. Mas, o mel investigativo que dali emana não para apenas nesse propósito, nem se esgota nessa perspectiva, há em cada missiva um grito apelativo o qual reclama uma maior atenção por parte do poder eclesiástico.

Quanto à composição do corpus, foram determinadas, como universo desta investigação, as cartas dos romeiros, enviadas ao padre Cícero, depositadas no seu próprio túmulo, como também na Igreja do Horto em Juazeiro do Norte-CE; além das pregações religiosas destinadas aos romeiros, no decorrer das missas em tempo de romaria. Ao todo, foram lidas em média 300 cartas, 189 selecionadas para o corpus. Dentre 65 pregações ouvidas durante as celebrações litúrgicas voltadas para os devotos

As cartas foram categorizadas, abordando as temáticas das dores, consistindo em pedidos de saúde, intervenção na vida amorosa, pluralidade de crenças, cartas de jovens e pedidos de empregos, como também as denominadas “cores”, desdobrando na escrita de si, nos testemunhos de milagres; nas cartas de agradecimentos e a devoção ao padre Cícero.

Na maioria das cartas selecionadas no corpus desta pesquisa, há um grito, um desespero, um pedido de socorro na urgência em sanar as fatalidades da vida. Falaremos, então, por essas dores vindas do âmago da alma até materializarem-se em palavras e dessas em cartas e das cartas à espera e a esperança de uma luz, ainda que no fim do túnel. Mas, quem, realmente, são esses guerreiros da escrita e da vida? Façamo-los conhecidos:

1.1. OS ESCRIVENTES DO SAGRADO

Provindos, em sua grande maioria, das cidades nordestinas, destacando principalmente o estado de Alagoas, esses romeiros, após o conhecido e divulgado “milagre da hóstia” em 1889, fazem peregrinação ao Juazeiro do Norte, inicialmente, incentivados pelos próprios párocos de suas cidades. Depois, por própria iniciativa, organizam caravanas e marcham para o Juazeiro sagrado.

Uma das primeiras motivações era a apreciação dos paninhos manchados de sangue, postos na igreja resultantes do “milagre da hóstia”. Depois do interdito eclesial, em que Dom Joaquim ordena e proíbe tais peregrinações, sem mais o “selo eclesiástico do milagre”, por determinado tempo, os padres dissidentes do padre Cícero cessaram de incentivar as romarias, ficando apenas a massa de romeiros que, independente de um aval ortodoxo não se deixou levar por correntes contrárias e passaram “a se dirigir para o Juazeiro não só em função do milagre, mas também, em busca de um lugar sagrado e do padre que tinha fama de ser santo e protetor da gente pobre do sertão” (BRAGA, 2007, p.324).

Se o padre Cícero e o falado milagre não eram bem vindos para muitos, a imagem dos seus seguidores, principalmente provindos de uma camada paupérrima, era igualmente depreciativa por extensão. Nessa época, os romeiros não olhavam, eram olhados, e olhados por civilizados que miram selvagens. Daí que, romeiros e fanáticos eram sinônimos da forma transviada de ser e de se fazer religião.

O perfil dos romeiros vai se tecendo conforme as graças pedidas e alcançadas. Os agraciados podem ser novos ou velhos, por isso não cabem num estereótipo, numa forma classificativa e típica. Cabem nas suas histórias, nas suas formas plurais de portar-se diante do sagrado, de vestir-se, de rezar e divertir-se. Assim, prazer e penitência são lados de uma mesma moeda. Claro, que os romeiros característicos, de chapéu e rosário ainda desfilam nas ruas de Juazeiro e formam o quadro do espetáculo de fé. Mas quem de nós ousaria dizer que aquele senhor bem vestido, vindo com o seu carro importado, também não foi acalentado, embalado com os benditos do padre Cícero? Por tal razão, salientamos uma leve diferença entre romeiro e devoto, já entendendo que todo romeiro é devoto, mas nem todo devoto é romeiro. O romeiro faz romaria, ao considerarmos a romaria católica como uma “distinção espacial entre a morada do Santo e a dos fiéis. É esta distinção que o romeiro dramatiza ao deixar o seu lugar de trabalho e de lazer, o espaço de sua existência cotidiana, para dirigir-se ao lugar sagrado” (FERNANDES,1988, p.96).

O devoto se constitui na fé em padre Cícero, mas o romeiro além de devoto, é peregrino e todo ano, vem à busca de consolo e alívio para as ladeiras de seus queixumes. O que não lhes impede de apresentarem felicidade e gozo por estarem na *terra santa*. Daí que cantam, rezam, caminham, acendem velas e participam dos momentos litúrgicos.

Após a morte do padre Cícero, em 20 de julho de 1934, os romeiros continuaram por conta própria esse roteiro sagrado, agora vindo, impulsionados pelas graças pedidas e alcançadas através da intercessão do *padrinho*. A trajetória da fé adquiriu, desde então o destino certo: o Juazeiro sagrado, terra que ainda hoje recebe cerca de dois milhões de romeiros nas suas principais romarias, tornando o segundo maior centro de romaria, depois de Aparecida do Norte em São Paulo.

Ao entrarmos no *Juazeiro Sagrado*, vamos percebendo que os romeiros de hoje são os continuadores do ciclo de peregrinos, que em meio ao turbilhão da indiferença religiosa, acabaram, segundo seus próprios testemunhos, conseguindo graças. É devido a essas recebidas bênçãos que o cordão só tende a fortalecer. O chapéu vai sendo passado de pai pra filho, de avô para neto, num interminável ciclo devotivo.

É aquele fiel que muito antecipadamente, prepara-se para a travessia de sua terra natal até o Juazeiro do Norte, uma vez que a romaria começa meses antes, nos preparativos da

mesma, na convocação das caravanas; nas reservas das economias; na decisão, em grupo, de como será ornamentado o veículo.

É também através desses transportes, que chegam as cartas para o padre Cícero, discursos escritos desses transeuntes do sagrado que falam, oram e escrevem, dando um destino às suas dores, uma vez que nas cartas analisadas, há um patrimônio de petições ao patriarca protetor, que vão desde bênção e proteção à questão da saúde do corpo da alma. Rogos por milagres adoçados com promessas; pedidos inusitados e cartas longas com intermináveis histórias. Verdadeira terapia em diferentes vozes de jovens, de mães desesperadas, homens sem plume; mãos que apelam ao traçar suas linhas por um fim de suas lamúrias nesse “vale de lágrimas”. Vamos a esse vale?

1.2. DAI-ME SAÚDE, MEU PADIM PADRE CÍCERO!

“Meu padrinho padre Cícero, peço ao senhor que eu fique boa de todos os meus problemas, desse problema na língua, dos dentes e da garganta...” É assim que Z. G. inicia a sua carta e continua o detalhe de sua doença:

“a infecção urinária, que eu fique boa da bexiga, do útero, das taxas de colesterol, tigricerídios e baixe a pressão – Faça aparecer algum dinheiro atrasado [...] Faça meu marido ficar bom da coluna, da artrose, da pressão alta, fique bom da próstata ela reduza o volume e fique bom da impotência sexual”.

(Z.G. Carta sem data, nem local. Carta nº 33).

Foi muito difícil, separar desse corpus as cartas que não falam dos pedidos de saúde uma vez que em todas elas sempre mencionam esse apelo, apesar de algumas apresentarem-no como eixo principal. Na verdade, os devotos-escreventes comportam-se como se estivessem diante de uma consulta médica, detalhando todos os seus queixumes físicos ao falecido patriarca.

Ao tratarmos do aspecto da saúde, vamos observando, que ao longo das cartas, há uma evidente vinculação entre corpo e alma de modo que os sintomas físicos afetam a mente e consequentemente a forma de ver e viver a doença. Um escrevente anônimo abre sua carta já rogando por um “milagre” que seria a cura de um problema de epilepsia e continua: “... me dê a felicidade de ser uma pessoa curada, que eu mesmo possa confiar em mim, nos trabalhos, sem uso desses comprimidos”. Esse trecho ilustra bem a discussão que ora abordamos na interdependência entre mente e corpo. Embora medicado, o devoto requer a sua segurança e consequentemente a sua autoestima, uma vez que a cura implica no equilíbrio total de sua vida.

Para ilustrar ainda mais essa perspectiva sistêmica da saúde, vejamos o desabafo da escrevente:

[...] cura essa doença dos meus olhos, cura esse verme que tem dentro de mim, faça que minha menstruação passe sem em precisar de remédio [...] Meu padre Cícero, eu lhe peço do fundo do meu coração e do fundo da minha alma, tem piedade de mim. Pelo amor de Deus, traga o meu marido pra mim para me amar e nós viver juntos até o fim da vida [...].

(M.A.S. sem data, sem local. Carta nº 65).

Como vemos, há um pedido de cura da doença, mas há uma súplica maior para a volta do marido, que, do ponto de vista da medicina, trata-se da *somatização* cuja situação emocional altera o físico que por ela também é alterado. É como se não pudéssemos dissociar o físico do psicológico. É verificável, em muitas cartas, que essas dores se misturam; os escreventes, ao mesmo tempo em que relatam suas dores físicas, em meio a isto, deixam desfilarem também o rosário de problemas familiares que, a nosso ver, se não são provocadores imediatos da doença, no mínimo colaboram para a alteração do quadro.

Há nos inúmeros clamores desse gênero, também, casos fáceis de serem resolvidos com uma simples consulta ao médico. No entanto, por conta das condições financeiras, essas mesmas pessoas não podem contar com a básica assistência, acabam, desse modo, invocando as forças dos céus para tal. Numa carta datada de 16 de junho de 2010, a escrevente dirige-se assim ao padre Cícero: “Meu padre, me diga porque eu tenho medo de andar só e está entre as pessoas, medo de dormir no escuro, me ensina um remédio em sonho assim que leia esta carta” (M.C. S., São João, 2010 - Carta nº 42).

Nessa carta há duas considerações a fazer: A primeira é a dificuldade do diagnóstico da doença por parte da escrevente. Pela sua descrição, entende-se que se trata de um transtorno que pode ser controlado com medicação e psicoterapia, uma doença fácil de ser detectada por um profissional especializado; no entanto, recorrer ao santo ou pedir ajuda aos mortos “funciona como denúncia involuntária da ineficiência das instituições, (inclusive religiosas) e da solidariedade dos vivos.” (RODRIGUES 2003, p.26). Ou seja, as cartas dessa natureza, acabam por denunciar a ineficiência ou mesmo a inexistência de políticas públicas que venham favorecer a questão da saúde, principalmente para uma determinada escala social da população desprovida de assistência médica.

Numa outra carta, o devoto não anula a ajuda do médico, no entanto pede ao padre Cícero para que o mesmo seja inspirado por ele. Desse modo, faz-se a conjugação das forças celestes e terrenas em que cada segmento faz a sua parte ao mesmo tempo em que se estabelece uma interdependência:

[...] Que o senhor interceda por mim juntamente com a virgem Maria das Dores, Peço ao senhor que mim ajude no dia da minha cirurgia que eu consiga me operar justamente neste dia 26/11/, daí sabedoria ao Dr. Fernando Augusto e toda junta médica para que tudo ocorra bem. Dê a minha recuperação o mais rápido possível. [...] Peço-lhe sua bênção nesta longa jornada, meu Padrinho Cícero.(sic).
(L.M. s/local/data. Carta nº 112).

Considerações como essas nos fazem inferir que os clamores dos devotos sobre a questão da saúde, na sua acepção mais ampla, assumem, na maioria das cartas, um discurso fatalista, numa distorcida visão de Deus, na mesma instância em que evidenciam a indiferença das instituições religiosa sem comprometer-se com a causa do oprimido, no sentido de formar sujeitos pronunciadores de um novo céu e de uma nova terra, começando por realizar nesses fieis, devotos, simpatizantes qual denominação lhes é dada, um verdadeiro *parto*, no dizer de Freire, ao refletir que “a libertação é um parto doloroso: o homem que nasce desse parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressor-oprimidos, que é a libertação de todos” (FREIRE, 1987, p.19). Far-se-á desse modo, uma verdadeira romaria de sujeitos conscientes, não mais demitidos da vida, mas inseridos num plano salvífico em que suas crenças estabeleçam sistêmicas relações com o mundo de forma problematizadora. Assim, militância e fé serão conjugadas no mesmo verbo crer.

1.3. OS ROMEIROS TAMBÉM AMAM...

Se “as cartas de amor são ridículas”, conforme o discurso poético de Fernando Pessoa; seriam igualmente ridículas as cartas de pessoas que sofrem de amor?

Solidão, amor não correspondido, traição, dúvidas, decepções... são esses os maiores queixumes que rondam em torno das cartas dirigidas ao padre Cícero. Uns colocam o amor como um grande problema; outros o concebem como “uma profunda tristeza”. Outros, ainda, apesar de apresentarem o amor como marca da dor, esperam resignados a vontade Deus e a vontade de Padre Cícero. O que podemos afirmar, na verdade, é que as consequências do amor

são, muitas vezes, experiências dolorosas que abrem chagas incuráveis e só mesmo com a força do alto e do poder do “padim” podem ser aliviadas.

Primeiramente tem-se um apelo de casar-se, ter filho, perdurando ainda, aquela visão da felicidade atrelada ao casamento. Embora, muitas vezes, o casamento venha como pedido secundário, após o pedido de emprego; não deixa de ser uma necessidade premente para os devotos. Não é à toa, que na sala dos ex-votos, no museu do Horto e no museu Casa do Padre Cícero, os vestidos de casamento compõem um grande acervo como produto da promessa feita e paga. Claro que com as inovações da modernidade em que os vestidos de casamentos não são mais comprados, mas alugados, esse tipo de ex-voto aos poucos vai se escasseando, no entanto, o clamor continua o mesmo:

Meu padrinho meu sonho é noivar, colocar uma aliança no meu dedo faz esse milagre acontecer que eu prometo que quando noivar só caso no dia 20 de julho em homenagem ao senhor [...] Confio no senhor e tenho fé, mas minha promessa não será esquecida pode passar dez anos. Mas a hora que aparecer meu amor e eu noivar e arrumar serviço cumprirei minha promessa [...].

(A.C.S. Em 04/06/09. S. Miguel dos Campos – AL - Carta nº165).

Embora o sonho seja “arrumar um noivo” a escrevente deixa entrever no seu discurso, que a realização se dará também com a consecução de um emprego. Por mais fantasiosa que seja a vida a dois, ainda não é uma realidade tão tradicional assim, de modo que não se almeja ser casada e dedicar-se exclusivamente ao lar. Outra escrevente também recorre aos poderes do padre ao clamar que “peço que eu encontre uma pessoa um homem bom pra mim que eu case e seja feliz com toda minha família.” (M.R.M. Sousa-PB, 01/06/2011- carta nº 52).

Solidão, esse é o sentimento que pode traduzir a carta de uma terapeuta de 34 anos, dirigida ao padre Cícero, quando a mesma se diz realizada profissionalmente, mas se considera infeliz na vida amorosa. Na carta, vai narrando, em detalhes, os amores tidos e perdidos, confessando que fica muito triste por ver suas amigas e seus ex-namorados se casando e ela nem sequer um *paquera* tem. Nessa circunstância, desabafa:

[...] muitas vezes, à noite, choro sem ninguém vê, mas faço oração e peço a Jesus que venha me confortar e ele me conforta. Eu não vou muito pra festas, pois quando vou com minhas amigas elas conseguem namorar e eu fico sozinha, sinto-me muito mal. Peço ao Padre Cícero que interceda por mim junto a Jesus, para que ele tenha misericórdia da minha vida e me conceda a graça de ter minha família, de ter meu marido e filhos. [...].

(V.M.B.V. Sem data, sem local. Carta nº 106).

Há, entretanto, outra súplica, em termos de amor que já não mais configura um pedido de companhia, mas exatamente, o problema que essa tão almejada “companhia” ocasiona pelo delito do adultério:

Meu padrinho Cícero e minha Mãe Nossa Senhora das Dores. Vós bem sabes das provações que estou passando pela volta definitiva do meu esposo, que não toma a decisão de estar aqui e lá, na casa da amante. Fazei com que ele volte para casa, com o poder do Divino Espírito Santo e vossa intercessão.[...]

(M.G.C. s/d, s/local – Carta nº 185).

Outra escrevente assim desabafa:

“Padrinho, estou sofrendo muito O senhor sabe. Eu descobri que o homem que casei e vivi 12 anos, descobri que ele não me amava, que só me fazia sofrer. [...] Padrinho, o senhor sabe que amo o Júnior, mas se o senhor ver que ele me merece traz ele de volta. Se o senhor ver que ele não me merece, me ajude a esquecê-lo estar muito difícil.. mas eu vou conseguir. Padrinho, me ajude eu vencer na vida a dá a volta por cima e dar um bom estudo para minha filha”.

Obs: Padrinho, tira Elizangela da vida do meu marido. Arrume outro marido pra ela. Só assim esquece o meu.

(S/nome, Santana do Ipanema –AL, 28/01/08 - Carta nº 156).

Essa carta tem algo bem interessante: ela coloca duas opções da volta ou não do amado marido. No momento que assim o faz, quer consiga a graça da volta do marido ou não; em ambas as situações haverá, inevitavelmente, a intervenção do padre Cícero. Vejamos que

nesse caso, não compromete o poder do intercessor, uma vez que de qualquer modo, para a devota, haverá uma resposta dos céus.

E assim, vai se constituindo o amor, os corações estraçalhados e lá vem para o pé do ouvido do padrinho, mais lamentações de laços desfeitos: Apreciando essas cartas de frustrações amorosas, começamos a entender melhor o porquê do recurso da carta pelos devotos.

Até agora, só lemos as vítimas do adultério, mas no nosso corpus constam também cartas nas quais se evidenciam as vozes não dos traídos, mas dos traidores, que igualmente jogam-se aos pés do “padrinho”, na tentativa de justificarem seus erros e ganhar o merecimento de uma graça ou alento para seus casos complicados de amor:

Meu padrinho mim ajude e acabe com aquele casamento de João P. que ele não tenha direito de casar com aquela moça e nem também se amigar com mulher nenhuma de fora, a não ser eu. Que ele corra atraís de mim, sem sossego e sem paradeiro [...].
(Sem nome, s/d- Carta nº 97).

Nas cartas sobre essa temática amorosa, em todas as analisadas, destacam-se as vozes femininas, são assim, as mulheres as mais expansivas nos seus sentimentos. Mas dentre essas, sobressaiu uma voz masculina que confia os seus sentimentos ao seu padrinho dizendo:

Meu padrinho, estou te pedindo uma ajuda, pelo amor de Deus, estou sofrendo muito por me separar de minha esposa. [...] Meu padrinho, eu sou muito humilhado pela minha esposa e pelas pessoas até mesmo da família, estou muito triste, angustiado, decepcionado com tudo que está acontecendo comigo [...].
(J.E.N. S, Sem data, sem local. Carta nº 163).

Diante desses escritos, podemos ver que a ferida do amor torna-se um grande problema para os devotos. Ou como a carta anterior atesta uma “provação”. Provação que inquieta e chega a sufocar para daí, recorrer ao patriarca, como sendo a última tábua de salvação. Por mais que achemos que essas questões não se configuram um grande problema, as cartas provam ao contrário, é uma dor tamanha que passa a se transformar em clamor e este em esperança para o alívio quando no desabafo escrito para o padrinho. Se assim não fosse, os devotos não se voltariam e pediriam ajuda em forma de carta.

1.4. DEUS ME LIVRE DE SAIR ANTES DA BENÇA DO PADRE!

Se há uma prática contínua e atraente para o romeiro é o momento da bênção. Este tem um destaque, adquire uma relevância maior em todos os eventos da romaria. Seria o que poderíamos denominar do *capital simbólico* de maior valia. Ir ao Juazeiro já significa pedir e receber a bênção, primeiramente do padrinho, depois dos padres. Se observarmos bem, só não se trata de um rito de passagem do profano para o sagrado, por seu caráter momentâneo, uma vez que a bênção deve ser renovada e repetida, quantas vezes julgar necessário.

A bênção percorre toda a história religiosa da humanidade, desde o antigo testamento até as cartas de São Paulo faz-se menção a ela, sempre com um teor de significante valor. É o “modo de convocar as forças do bem que expulsam as do mal do fiel ou cliente, tornando-os puros e livres do pecado, da doença e da ameaça” (BRANDÃO, 2007, p.279).

Mas, por que estamos falando de bênção? Porque a maioria das cartas dos devotos ao “padrinho” inicia-se sempre com um pedido de bênção. Podemos, inclusive, detectar que já se trata de uma padronização das cartas romeiras, que na verdade, não corresponde a uma pretensão consciente do escrevente, dar-se apenas no nível fático, ou seja, seria um recurso, até linguístico, para iniciar a comunicação escrita, e não, necessariamente, uma introjeção do romeiro nesse sentido. É o que ilustra o trecho dessa missiva: “Meu padrinho, me abençoe com os meus filhos, noras e netos, mãe, meus irmãos e tia Maria com os sobrinhos [...] Me abençoe! De sua afilhada”. (T.R.S.16/10/84. Carta nº 51).

Ainda na carta citada, percebemos que o escrevente se mostra como sendo “afilhada” do padre, quando o denomina de “padrinho”. Esse dado nos é interessante, uma vez que na prática popular, na relação padrinho e afilhado há sempre esse pedido de bênção, pois o padrinho é um tipo de tutor, com as mesmas responsabilidades dos pais do afilhado, quando na ausência ou na morte desses genitores. Na realidade, passa ser alguém que protege o afilhado, que não o deixa desamparado. Semelhante relação ocorre e se estabelece entre o padre Cícero e seus devotos.

Ainda se falando de bênção, detectamos uma nítida distinção entre pedido de bênção e o pedido de proteção nos escritos dos devotos. A bênção parece ser algo mais simples, corriqueiro com pouco efeito. Já a solicitação de proteção é sempre referida como uma defesa do inimigo, das ameaças do mal. Neste último caso, o devoto- escrevente sempre se apresenta na qualidade de vítima, ele nunca causa mal a ninguém, mas sempre é perseguido, caluniado ou maltratado por outrem.

[...] Peço ao senhor, meu padrinho, que me proteja no meu trabalho e que me livre de todos os maus e que aqueles meus amigos e inimigos não me desejem o mal. Peço que o senhor proteja o meu companheiro no trabalho dele e que ninguém pense em fazer o mal a ele. [...].

(s/n e s/d – Carta nº 49).

Conforme já acenamos, a proteção é sempre associada à ação do inimigo, como pessoas do mal ou o próprio mal em forma de acidentes ou outras atribulações: “Peço muita proteção para o meu namorado [...] Peço para livrar ele de desastre (ele dirige) e tirar dele a bebida alcoólica. Padre Cícero, nos abençoe e nos proteja. (Z.P. R. Caeté, 13/02/84- Carta nº 32). Outra carta assim clama: “Meu padrinho que vós proteja os meus familiares netos, sobrinhos [...] nos defenda do perigo do mal e de tudo de ruim” (Cimon, 16/01/08 - Carta nº 31).

Recorremos, então, a Brandão (2009, p.123) quando esse autor menciona as várias fórmulas de bênçãos, tanto de igrejas, canonicamente oficiais, quanto de tradições religiosas populares em todas as situações há uma invocação do poder celestial. No entanto, casos há, segundo o autor, que a “bênção toma então uma forma bastante próxima à do exorcismo”. Compreende-se que a pessoa que requisita a bênção está dominada por forças do mal e por meio da bênção dar-se a libertação. É interessante que o autor chama a atenção para essas duas formas de bênção, em que a primeira invoca as forças do bem e a segunda invoca as “forças do mal, invasoras de alguém que sofre”. (BRANDÃO, 2009, p.123). Na verdade, o que o devoto chama de proteção nas cartas, o que eles reivindicam é justamente esse segundo tipo de bênção, que claro, não exclui a primeira, mas tem um efeito mais intenso.

Ao apreciarmos as cartas que rogam por bênção e proteção, nos defrontamos com umas dignas de uma maior atenção investigativa, por tratar-se de uma transgressão das leis e princípios divinos pelos quais regem as religiões. Uma escrevente de Sousa-PB vai, em todo momento da carta, clamando por proteção ao padrinho, também, conforme já falamos, numa postura de vítima, até no final da carta, confessar que vive de “coisas ilegais”, mas sempre se justificando que é pela busca do pão de cada dia. Em nenhum instante da carta, a escrevente pede para sair daquele caminho, ao contrário, a bênção e a proteção solicitada é exatamente para manter-se na mesma situação, só que, agora, com a proteção e o aval do padrinho. Como se a coisa profana e até desviante, passasse a ser, a partir da escrita e chegada da carta, a ser sagrada e autorizada pelo padrinho, que deve esquecer os princípios católicos e cristãos para derramar sua misericórdia sobre o aflito afilhado. Vejamos, então, trechos da referida carta:

Meu pradinho Cícero [...] eu sou órfã de pai e mãe. Eu e meus irmãos somos humilhados por todos, mas não queremos ser escoltados [...] Eu tenho um irmão que vive arriscando a vida pelo pão-de-cada dia, peço a meu padrinho Cícero que defenda-o do perigo. Rogue a Deus por mim, meu padrinho, pois sou odiada sem fazer mal a ninguém, sou jurada de morte como vós sabe [...] Nós estamos sobrevivendo de coisas ilegais, meu padrinho sabe que é um meio de vida que encontramos para viver. Peço que rogue a Jesus pra que nunca aconteça nada de mal contra nós [...]. (Grifo nosso).

(A.C. Sousa-PB, 20/05/09 - Carta nº 69)

Não dar para escondermos a curiosidade de que consiste essa prática ilegal mencionada na carta. Também esse fato deve ser exposto em discussão nesta pesquisa, uma vez que em muitas missivas, os escreventes contam sua situação em detalhes; outros há, porém, que generalizam o discurso. A nosso ver, isso ocorre por duas razões: a primeira seria o risco de alguém ler a carta e ficar inteirado de toda essa intimidade; a segunda seria a crença dos emissores de que padre Cícero, como divino que é, tem domínio do que se passa na vida e nas mentes de cada um, desse modo não há necessidade de tais minúcias. Mas, o que aqui nos interessa, é focarmos no dizer dessa escrevente, ao clamar pela legitimação de seus desvios ao *padrinho*. A subversão herética, defendida por Bourdieu (2008)¹, agora toma mais sentido. Não se trata apenas do desvio de conduta, a subversão maior reside na pretensão de adesão e absolvição do padre Cícero dessa atitude. Mais interessante, é que sabemos de padre Cícero e de seu discurso altamente conservador, próprio dos missionários da época, ou como prenuncia um dos mais conhecidos bendito, habitualmente cantado em todas as romarias, que enfatiza os conselhos do patriarca:

“Quem matou, não mate mais
Quem roubou, não roube mais.
Romeiros de verdade
vivem na fraternidade”

Continuemos, contudo, com os pedidos ao padre que violam os princípios éticos e católicos: “Meu padrinho, eu vivo casado com uma mulher que eu não quero mais viver com

¹Para Bourdieu (2008) *Ortodoxos* são aqueles que pretendem manter a doxa, no caso, a elite dominante que tem interesse em que a ordem social permaneça como está, nesse sentido, *subversão herética* são aqueles que procuram alterar a doxa, ou seja, alterar a maneira de se conceber a realidade da sociedade organizar-se.

ela. Pesso pelo sangue de São Francisco afaste ela da minha vida, mim deixando em paz [...]” (Sic). (C.R.B. Sousa-PB 09/05/2011).

Conforme sabemos, a Igreja Católica defende a indissolubilidade do casamento, segundo o Catecismo da própria Igreja: “O vínculo matrimonial é, pois, estabelecido pelo próprio Deus, de modo que o casamento realizado e consumado entre batizados jamais pode ser dissolvido” (CIC, 2000, p.448,§1640). No entanto, o devoto pressiona o padrinho para que a graça seja alcançada, ainda que contrarie os seus princípios religiosos. É o caso dessa próxima missiva que pede a bênção para sua união homoafetiva: “Peço ao senhor, padre Cícero, que a (*cita nome de uma mulher*) não me traia mais com Luís, que isto é para mim um atormenta, que ela tanto quanto eu possamos ser honestas uma com a outra, amém!” (de L., sem data, sem local – carta nº 71). Nessa perspectiva outra escrevente assim desabafa:

Meu Pe. Cícero, ajude a família de Talyta que possa me aceitar, que aceite nosso relacionamento, que ninguém coloque obstáculo no nosso namoro, que possamos ser feliz e viver até o fim de nossas vidas juntas... ajude a ficarmos sempre juntas. Estou aqui pedindo tudo isso com fé e de coração aberto, perdoe todos os meus erros [...].
(J.P.M. sem data, sem local. Carta nº 62).

Na carta acima descrita, ainda que a devota não esteja decidida a largar sua parceira em atenção aos princípios cristão-católicos, no seu íntimo, esse discurso ainda perdura, há uma espécie de autocensura, quando a mesma termina seu escrito, pedindo perdão por todos os seus erros. Seria uma espécie de assujeitamento do sujeito, do ponto de vista althusseriano, reafirmado por Fiorin ao postular que o enunciador é o “suporte da ideologia”, uma vez que esse enunciador parece ser dono do seu discurso, no entanto, é coagido inconscientemente para “dizer o que seu grupo diz”. (FIORIN, 2006, p.42).

Novamente recorramos ao Catecismo da Igreja Católica a fim de constatarmos a posição da referida instituição no que se refere à homossexualidade, quando esse compêndio acentua que “Um número não negligenciável de homens e de mulheres apresenta tendências homossexuais profundamente enraizadas. Esta inclinação objetivamente desordenada constitui, para a maioria, uma aprovação. Devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza. Evitar-se-á para com eles sinal de discriminação. [...] As pessoas homossexuais são chamadas à castidade...” (CIC, 2000, p.610,§ 2358).Conforme podemos perceber, a compaixão eclesiástica no caso da homoafetividade vai até onde o indivíduo retém o ato. É como se distinguisse o homossexual e o exercício de sua sexualidade.

Mas, padre Cícero ficaria ainda mais estarecido, se realmente lesse a seguinte carta que nos escapa às mãos. Trata-se de um candidato a vereador:

“Que Deus me abençoe para que eu consiga realizar todas as minhas vontades e objetivos. Para mim ganhar a eleição de 2012 a vereador em 1º lugar, batendo um recorde de votos e afastando todos os meus adversários. Que a (menciona o nome da loja) venda muito e em dezembro tenha um faturamento de \$120.000,00 neste mês. [...] Que o patriarca da família seja meu de direito, enfraquecendo todos os meus irmãos que tentam me derrubar. Que Deus me abençoe sempre e enfraqueça todos os meus irmãos para que todos eles fiquem debaixo dos meus pés, principalmente minha mãe. [...] Que Deus me abençoe sempre a ter todos os meus funcionários da loja quietos e debaixo de meus pés, trabalhando com humildade e me respeitando sempre. [...] Que Deus abençoe que todos os processos judiciais e eleitorais que estão no fórum seja arquivado todos...”.

(H.A.H, sem data, sem local. Carta nº 84).

São muitos os casos flagrados desse gênero em que os fiéis recorrem ao padre Cícero, no afã de receber bênçãos e legitimarem a sua transgressão com relação à doutrina católica. Esta carta, a seguir, apresenta o mesmo teor, com um diferencial, que é a confissão de uma devota por ter cometido aborto, mas mostra-se profundamente arrependida. Vejamos a aflição dessa escrevente:

[...] eu fiz uma coisa, meu Senhor, eu interrompi a gravidez entre sete semanas (sic). Oh, meu Deus eu não queria fazer isso mas fui fraca. Não tive apoio de ninguém. Eu sinto um remorso tão grande... Meu Senhor, eu prometo, eu faço uma promessa que irei engravidar e vou ter essa criança e levar no Padre Cícero para cumprir a minha promessa. Eu irei levar o meu filho no Padre Cícero em nome do Senhor, me sinto mais aliviada meu Deus, quanto eu colocar essa carta no mural.

(S/nome, sem local. 29/06/11 - Carta nº123).

O tom confessional da carta e o desespero da emitente revela novamente a força do discurso eclesial no que se refere à ideia de pecado e de suas consequências diante do trono sagrado. Para a devota, um pecado dessa dimensão não pode ser perdoado apenas por padre Cícero, por isso que a carta é dirigida para Deus, o padre em questão, assume apenas o papel de intermediador na relação penitencial. O desespero consiste, não no aborto em si, mas no desvio da ética religiosa. Tanto é que imediatamente, é feita uma espécie de negociação, emergindo daí a promessa de rever os seus erros, na concepção e aceitação de uma nova chance através de outra gravidez. Só desse modo, é digna de ser reinserida no reino a partir de seu arrependimento.

É importante frisarmos que, ainda, existindo essas práticas ilícitas no contexto católico, deixemos claro que a bênção não discrimina as pessoas, elas são diferenciadas em outros contextos e rituais mais formais, como o direito à comunhão, a um novo casamento, quando se trata de casamento desfeito e outros. Ou seja, “no catolicismo popular a bênção é um direito de todos” (BRANDÃO, 2007, p.279). Se assim é, imaginemos no contexto fenomenal de Juazeiro do Norte, no qual se tem registro que o padre Cícero, mesmo impossibilitado de exercer suas ordens sacramentais, dava a bênção aos romeiros da janela de sua casa. Costa Guimarães (2011) no seu livro “Memórias de um romeiro”, transcreve na íntegra a bênção que, segundo ele, Padre Cícero dava ao povo:

“Mãe de Deus e Maria nossa Mãe soberana, Mãe das Dores, de hoje e para sempre nos entregamos a vós, as nossas pessoas, as nossas famílias e tudo quanto é nosso nos entregamos a Jesus Cristo [...] Abençoei nossa vinda aqui, nossa volta e de hoje para sempre... Assim seja! Joazeiro, 30 de novembro de 1916.” (GUIMARÃES F.C., 2011, p.49).

Em termos gerais, a bênção é, por assim dizer, uma das inúmeras motivações pela qual se vem ao Juazeiro e por que se escrevem cartas. Uma vez abençoado o devoto, toda situação que antes era pesadelo, adquire um novo vigor na caminhada. Assim se caracteriza a *Roma dos pobres* em que a oficialidade parece perder terreno diante da crença e práticas coletivas de se relacionar com o sagrado. Nada é substituído, tudo é acrescido, enriquecido numa pluralidade de vozes e propósitos.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme percebemos, as dores dos devotos são as que movem e regem a orquestra dos dias com tamanho poder para enfraquecer a romaria da vida. Todavia, é também esse córego de dor que conduz para outros horizontes na conquista das cores do viver, do enfrentamento

até a fé, que se não move montanhas, pelo menos traça elos entre o crente e a divindade. Assim, não é somente o sol, causador do desgaste no rosto romeiro, é a severa luta diária e dialética entre vida e morte; entre decepções e vitórias. Desta feita, as cartas servem a esses préstimos, acolhem as duas versões de um só sentimento humano, deixam-se ser usadas, riscadas, conduzidas por diferentes mãos e pouco entendem por que não chegam nunca às mãos físicas do destinatário. Não se sentem lidas por este último. Quem entenderá? Eu? Você? Quem entenderá esse código de crença romeira? A incompreensão desse ato também nos tira o direito de censurá-lo. Foi esta a nossa constante postura no trilhar desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre, 1930-2002. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. 2ª ed., 1º reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- BRAGA Antônio Mendes Costa. **Padre Cícero: Sociologia de um padre, antropologia de um Santo**. UFRGS. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, Maio de 2007.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular**. Uberlândia: EDUFU, 2007.
- CIC: **Catecismo da Igreja Católica**. Edição típica vaticana. Edições Loyola, São Paulo Brasil, 2000.
- FERNANDES R. S. **Romaria da Paixão**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- _____. **Aparecida: nossa rainha, senhora e mãe, saravá!** *In Brasil & EUA: Religião e identidade nacional* / Viola Sachs (et all); tradução Sérgio Lamarão – Rio de Janeiro: Graal, 1988. Pp. 85 a 111.
- _____. **Prece e bênção: Espiritualidades religiosas no Brasil**. Aparecida São Paulo. Editora Santuário, 2009.
- FIORIN, JOSÉ Luiz. **Linguagem e ideologia**. Série Princípios 137, 8ª edição, Ática, São Paulo, 2006.
- FREIRE P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª edição – Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- RODRIGUES M. P. **Os mortos podem curar?** São Paulo: Paulus 2003.